# AS CONTRIBUIÇÕES DO BRINCAR PARA A EDUCAÇÃO INFANTIL

ADRIANA MICHELLE SILVA XAVIER DE LIMA


## RESUMO

A importância das brincadeiras para o alcance dos objetivos relacionados ao desenvolvimento infantil é destacada ao longo do trabalho, revelando que o estímulo às brincadeiras em diferentes momentos e contextos da vida, apresentadas às crianças pelos professores e familiares, permitem um desenvolvimento integral das habilidades humanas, possibilitando a construção da identidade, garantindo uma tendência da criança em torna-se um sujeito crítico, autônomo, responsável, confiante e comprometido. Apesar das evidências de que a brincadeira favorece um desenvolvimento proporcionando à criança a aquisição do conhecimento mais sólido, ainda existem resistências na adoção das brincadeiras em espaços educacionais, algumas vezes vistas por familiares como momentos de relaxamento e distração para a criança, valorizando atividades registradas, sem que ocorra reconhecimento nas atividades desenvolvidas pelo ato de brincar. A abordagem desse estudo considerou as pesquisas realizadas por Winnicott, a partir da percepção de que o brincar deve ser um instrumento de avaliação e intervenção, oportunizando acompanhar a evolução da criança, bem como a compreensão do desenvolvimento emocional, uma vez que na brincadeira, a criança expressa seus desejos, traumas e elaboração dos seus conflitos.


**Palavras-chave:** Desenvolvimento; Brincadeira; Winnicott

## INTRODUÇÃO

A brincadeira representa uma situação comum às crianças de diferentes culturas, refletindo em uma associação com atividade de sentido recreativo, mas diferente dessa concepção, permite à criança o desenvolvimento de diferentes habilidades humanas, que variam entre cognitivas, emocionais, entre outras fundamentais ao amadurecimento (ARANTES, 2008).

O ato de brincar representa uma possibilidade de expressão infantil, diante da manifestação imaginativa que permite ao adulto identificar as necessidades e interesses da criança, que por sua vez, realizará a brincadeira de maneira sincera quando estiver segura, confiante e confortável em diferentes ambientes, com pessoas distintas, ou seja, na ausência de conforto, a brincadeira será algo engessado, sem expressão ou emoção (SANTOS, 2012).

O brincar e suas relações com o desenvolvimento infantil são temas de discussão entre pesquisadores, além de representar um objeto de estudo para psicanálise, como para Winnicott, que se ocupou de identificar as emoções e expressões de crianças que brincam, relacionando as formas de brincar e os espaços destinados para essa ação (GRANA, 2013).

O objetivo deste trabalho é identificar as relações entre o desenvolvimento infantil e o ato de brincar, a partir das teorias de Winnicott. Os objetivos específicos são: relacionar as situações que proporcionam o desenvolvimento da criança; estabelecer a importância da brincadeira à criança; identificar a relevância da brincadeira na Educação Infantil; evidenciar as teorias de Winnicott sobre as relações do desenvolvimento e da brincadeira na infância.

A necessidade desse estudo justifica-se na importância das teorias de Winnicott para uma percepção de como o brincar caracteriza-se em um instrumento de avaliação e intervenção, além de oportunizar as análises de evolução da criança, bem como a compreensão do desenvolvimento emocional, diante da possibilidade de expressão, espontaneidade e solução de conflitos manifestados nas brincadeiras.

Como metodologia, adotou-se a pesquisa bibliográfica, com revisão de literatura, buscando em publicações de outros autores, embasamento para a fomentação desse estudo, possibilitando a observação de que o brincar representa um importante papel no desenvolvimento das habilidades infantis, favorecendo à expressividade, comunicação e imaginação das crianças.

## O DESENVOLVIMENTO INFANTIL

O desenvolvimento infantil depende da aquisição do conhecimento a partir de um processo realizado pela interdisciplinaridade, envolvendo características que variam entre aspectos biológicos, emocionais e de maturação da infância. Deste modo, o trabalho com a criança precisa estar voltado, principalmente para o desenvolvimento da inteligência, de modo a alcançar o máximo potencial das habilidades infantis (GOMES E CASTRO, 2010).

Segundo Queiroz:

O desenvolvimento da inteligência é determinado pelas ações mútuas entre o indivíduo e o meio. A ideia é que o homem não nasce inteligente, mas também não é passivo sob a influência do meio, respondendo aos estímulos externos agindo sobre eles para construir e organizar o seu próprio conhecimento, de forma cada vez mais elaborada. O processo cognitivo é interativo e construtivo, de maneira que a criança interage e constrói

simultaneamente. Não há produção isolada apenas na criança ou apenas no objeto, mas sim a relação e interação dentre ambos (QUEIROZ, 2009, p.22).

Portanto, a aquisição do conhecimento da criança, bem como o desenvolvimento de suas habilidades depende da construção e organização de possibilidades, determinando a necessidade de espaços estimulantes que permitem a construção das relações entre a criança e o meio.

A construção do conhecimento depende da experimentação das crianças e, mesmo que esta experiência esteja distante da realidade, a criança é capaz de aprender ao relacionar sua imaginação ao contexto de aprendizagem. A interação da criança com o ensino permite a construção do conhecimento e desenvolvimento das habilidades, propondo uma aprendizagem em níveis conceituais ou perceptíveis (NUNEZ, 2009).

O desenvolvimento acontece em aspectos globais, sendo necessário um equilíbrio entre a afetividade com o qual a criança recebe as informações para aprender e como esta informação é transmitida para a mente e corpo desta criança (RAU, 2011).

Durante o período da infância, a criança está predisposta a aprender por meio da absorção de informações e valores em todas as situações e aspectos. A primeira infância, que compreende a idade de dois a sete anos de idade, caracteriza-se como a base da aprendizagem humana, apoiando cada conquista pelo conhecimento em preparação para ações futuras e na formação da personalidade da criança (GOMES E CASTRO, 2010).

Segundo Malina (2009), o desenvolvimento cognitivo, linguístico, motor, afetivo e emocional, a criança consegue alcançar à exploração de seu potencial intelectual, refletindo na formação de cidadãos críticos, participativos e reflexivos, determinados a transformar a realidade social que os cerca diariamente, em diferentes contextos.

O desenvolvimento das habilidades humanas durante a infância recebe influências da Educação Infantil, importante na formação das crianças em cidadãos completos, diante da possibilidade de aprendizagens conceituais, baseada nas experiências sociais e familiares que integram a vida da criança. Sendo assim, a ideia de que, para o ambiente ser escolar ele deveria ser unicamente pedagógico, representa uma educação tradicionalista, que vem perdendo espaço para atividades lúdicas, fundamentais para a aprendizagem infantil (NUNEZ, 2009).

Segundo Rau (2011), a aprendizagem lúdica depende da inserção das brincadeiras no cotidiano educacional, proporcionando diversão e dinamismo no desenvolvimento das habilidades infantis.

Especialmente as escolas de Educação Infantil reorganizaram seus espaços físicos para receber e atender as necessidades das crianças, cabendo aos professores a busca por maneiras significativas de acolhimento das necessidades infantis, de modo a proporcionar segurança e familiaridade às crianças, quando estão na escola, oportunizando conforto e confiança para aprender, sempre baseados em planejamentos que norteiam as atividades realizadas em sala de aula (MALINA, 2009).

Diante dessa realidade, o desenvolvimento infantil depende de uma proposta pedagógica de inserção de brincadeiras e jogos, adotados para desafiar e oportunizar as expressões infantis, garantindo que a criança cresça com a capacidade de autonomia, imaginação e criatividade, conquistadas cotidianamente pela atividade lúdica (QUEIROZ, 2009).

De acordo com Malina (2009), a sugestão de brincadeiras deve ser sugerida quando existe o reconhecimento da possibilidade de desenvolvimento das habilidades da criança, a partir de uma verificação inicial, que permite analisar um jogo e apontar em quais aspectos ele está de acordo com a proposta escolar preparada para as crianças, respeitando as culturas, motivando a construção de novos conhecimentos e observando quais os objetivos foram alcançados com as atividades e brincadeiras.

A qualidade das brincadeiras refletem no desenvolvimento da criança, perceptível apenas quando existem benefícios encontrados pela identificação das habilidades oferecidas nas situações de aprendizagem, desenvolvidas pelas atividades não impostas pelos professores, mas sugeridas como momentos de brincadeiras, aceita naturalmente pelas crianças, sem que ocorra uma imposição reduzida à ação didática, causando certa inibição na espontaneidade das crianças (KAGAN, 2009).

Uma prática pedagógica infantil que almeja a preparação da criança para enfrentar os desafios da vida adulta de maneira natural deve ser construída em um espaço que estimule a aprendizagem por meio de brincadeiras e jogos, utilizados como recursos pedagógicos a fim de desenvolver e aprimorar as capacidades e potencialidades da criança (NUNEZ, 2009).

A Educação Infantil representa a fase que antecede o período escolar separado por disciplinas, em que a principal característica não é a preparação para a aprendizagem, a fim de oportunizar à criança um bom desempenho no Ensino Fundamental evitando o fracasso, como se acreditava antigamente (RAU, 2011).

Atualmente, a função da Educação Infantil é atentar-se ao desenvolvimento integral de habilidades e atitudes favoráveis à aprendizagem. No entanto, mesmo já existindo novos objetivos para a Educação Infantil, que se consolidam por uma pedagogia da infância, ainda existe a dicotomia de quando a criança brinca não aprende, situação muito arraigada na concepção presente e nas práticas de alguns professores, gestores e comunidade escolar (GOMES E CASTRO, 2010).

## A CRIANÇA E O BRINCAR

As brincadeiras e os jogos representam um importante papel na construção do conhecimento, utilizando os objetos, a criança estrutura o seu tempo, espaço, a representação e a lógica. Além disso, por meio do brincar, as crianças ficam mais motivadas e ativas, esforçando-se para atingir os objetivos (QUEIROZ, 2009).

Segundo Winnicott (1982 apud SCHERBAUM, 2017), a criança adquire experiências durante as brincadeiras e jogos realizados, permitindo a externalização de sentimentos e necessidades, bem como associação com o meio. As fantasias impulsionadas pela imaginação direcionam a criança à assimilação do que pensam com as possibilidades ao redor, atribuindo riquezas significativas ao desenvolvimento infantil.

As brincadeiras e jogos como exercícios intencionam o próprio prazer de funcionamento, pois enquanto a criança brinca pelo prazer, ela aprende como as situações funcionam, ou seja, quando empurra um objeto para frente e corre para buscar, repetindo o mesmo gesto, proporciona diversão e desenvolvimento pré-verbal (MALINA, 2009).

Enquanto brinca, a criança consegue relacionar-se com as pessoas, refletindo na socialização e interação, além de permitir a identificação das características sociais e culturais que compõem a identidade da criança. Quando a brincadeira está relacionada ao cotidiano, com atividades imaginativas, a possibilidade de interação das crianças aumenta, favorecendo o alcance da autonomia, criticidade e escolhas, a partir da comunicação dos interesses pelo brincar (WINNICOTT, 2008).

Quando a criança brinca, as identidades culturais são manifestadas, devido a reprodução de atividades ensinadas pelos grupos sociais em que a criança está inserida, ou seja, os familiares repassam brincadeiras de sua infância, a escola ensina brincadeiras tradicionalmente culturais e o meio permite a descoberta de novas formas de brincar. Portanto, a brincadeira caracteriza-se como uma atividade espontânea, que se aprende e ensina ao longo da vida (NUNEZ, 2009).

Kagan (2009) afirma que a brincadeira representa a apropriação cultural, não podendo ser controlada, ou seja, cabe a criança identificar e compreender as formas de brincar, bem como as atividades interessantes à sua realidade. O ambiente caracteriza-se como estimulador, precisando conter elementos favoráveis à atenção da criança. Sendo assim, o adulto proporciona a brincadeira, incentiva as ações e participa com a criança, a fim de que a espontaneidade ocorra, iniciando a prática da brincadeira.

A brincadeira acontece quando a criança está à vontade no ambiente, além de encontrar estímulos para o aprimoramento da imaginação. Os familiares e professores devem assumir o papel de responsáveis pela comunicação com a criança, de modo a interpretar suas emoções a partir de escolhas, manifestações e expressões infantis. As crianças conseguem brincar com elementos simples e imaginativos, desde que sintam confiança e segurança no ambiente, bem como estímulos e acolhimentos dos adultos (WINNICOTT, 2008).

Rau (2011) afirma que a brincadeira caracteriza uma ação livre, sem previsões, mas pode representar uma atividade planejada, a partir de estruturas favoráveis, ou seja, a criança pode brincar após ouvir uma história, criando personagens e imitando as narrações, situação iniciada por uma estruturação. A escola e familiares, cabe a ação de atribuir significados ao brincar, sem desmotivar a criança ou estereotipar suas manifestações e comunicação.

Segundo Gomes e Castro (2010), a brincadeira não pode ser controlada por agentes externos à ação, pois se trata de uma atividade aleatória e espontânea, que nasce da imaginação da criança. A participação do adulto precisa ser caracterizada como motivacional, sem interferências ou classificação entre certo e/ou errado, mas encontrar nas brincadeiras formas de comunicação com a criança, aprendizagem, desenvolvimento e integração.

Mesmo quando realizado na escola, o ato de brincar não precisa estar limitado ao aprender, mas considerar a diversão, pois mesmo em momentos de entretenimento, a brincadeira representa um propulsor ao desenvolvimento infantil. Quando brinca, a criança experimenta, imagina, constrói, aprende, comunica-se, identifica e analisa soluções para conflitos, socializa e desenvolve-se (WINNICOTT, 2008).

A escola precisa reorganizar os ambientes para o desenvolvimento, ampliando as possibilidades de brincadeiras, intervindo nos contextos das atividades lúdicas e dinâmicas. Desde a escolha de materiais, até a construção de espaços de interesses, professores e crianças podem interagir, trocando informações para abordagem das reais necessidades do grupo (QUEIROZ, 2009).

Na Educação Infantil, a brincadeira representa uma oportunidade às crianças, mas além disso, proporciona ao professor compreender as evoluções infantis, identificando limitações, preferências e habilidades, podendo potencializar, aprimorar e intervir em dificuldades (RAU, 2011).

De acordo com Malina (2009), ainda existem espaços educacionais em que a criança acaba interpretada como um material a ser moldado, determinando seus conhecimentos, habilidades, sua bagagem e ações sem relevância à formação escolar. Muitas vezes a real intenção das instituições de ensino é de preparação da criança para o ingresso nos anos posteriores do Ensino Fundamental, considerando com a fase de oportunidade ao aprender a ler e escrever de maneira convencional.

Para Winnicott (2008), a fantasia, o faz-de-conta e a brincadeira fazem parte da vida da criança, da construção da sua visão de mundo e isso tudo é inegável, porém, algumas escolas de Educação Infantil reduzem esse universo, como se a criança não conse-

guisse articular e diferenciar o real do imaginário. A criança é vista com pouca capacidade de compreensão, cabendo a busca por uma adequação da ciência ao limite do pensamento infantil.

O BRINCAR NAS CONCEPÇÕES DE WINNICOTT

A brincadeira e sua representatividade ao desenvolvimento das crianças, caracteriza-se como uma temática relevante dentro da educação, influenciada por diferentes pesquisadores, propulsores no reconhecimento dos benefícios da ludicidade à aprendizagem. Neste estudo, as pesquisas e afirmações de Winnicott foram identificadas, a fim de compreender como a criança analisa a importância do brincar (SCHERBAUM, 2017).

Winnicott foi um médico inglês que influenciou nas teorias relacionadas ao desenvolvimento psicológico infantil, afirmando que a criança nasce indefesa e percebe os estímulos exteriores do meio de maneira desorganizada, cabendo aos adultos ao redor oportunizar condições para que o desenvolvimento ocorra de maneira efetiva, significativa e eficaz (MOURA, 2008).

Segundo Arantes (2008), como Winnicott atuava na área da saúde, suas pesquisas relacionam o brincar ao amadurecimento e confiança, especialmente relacionando o emocional ao processo de desenvolvimento, determinando a oportunidade de aprendizagem a partir da evolução infantil, considerando o desenvolvimentó aproximado ao ato de brincar, uma vez que a brincadeira representa à criança possibilidades de externalização de sentimentos, emoções e pensamentos.

"A característica essencial comunicar refere-se ao brincar como uma experiência, sempre criativa, uma experiência na continuidade espaço tempo, uma forma básica de viver" (WINNICOTT, 2008, p. 75).

Para Winnicott, o indivíduo, desde bem cedo, tende ao amadurecimento, dependendo de sua criatividade para o desenvolvimento das habilidades humanas, que potencializa as ações e atitudes, favorecendo o aprimoramentó dos saberes que indicam a concretização do desenvolvimento (GRANÃ, 2013).

A brincadeira, segundo os estudos realizados por Winnicott, facilita e influência o crescimento e desenvolvimento saudável das crianças, proporcionando a socialização e interação, representando uma experimentação e experiência criativa, que impulsiona o pensamento e raciocínio. Além disso, Winnicott entendia o brincar como indicador de saúde, considerando a criança que brica como um ser em atividade (ARANTES, 2008).

Para Winnicott, o brinquedo transforma-se em uma realidade para a vivência da criança, permitindo a experimentação, pois enquanto brinca, a inteligência infantil é estimulada ao desenvolvimento gradativo, oportunizando nas brincadeiras uma forma de garantir a construção do conhecimento e a aprendizagem, formando sujeitos críticos, que respeitam regras, sabem viver socialmente e demonstrando afetividade pelos demais (SANTOS, 2012).

"A criança que não brinca desconhece as infinitas possibilidades de desenvolvimento e transforma-se em um sujeito que pouco interage, tem dificuldades de atenção e raciocínio" (WINNICOTT, 1975 apud GRANÃ, 2013, p.114).

Winnicott afirma que as brincadeiras infantis se iniciam a partir da relação da criança com a família, especialmente com a mãe, a partir da possibilidade de concretização do que a criança pode encontrar como objeto (SANTOS 2012).

Segundo Moura:

O objeto proposto à criança pela mãe é repudiado, aceito e objetivamente percebido. Se a mãe pode desempenhar esse papel por certo tempo, sem impedimentos, então o bebê tem certa experiência de controle mágico, isto é, experiência daquilo que é chamado de onipotência. O bebê começa então a fruir baseadas em uma relação da onipotência dos processos intrapsíquicos com o controle que tem do real (MOURA, 2008, p.69).

Portanto, a criança precisa das experiências proporcionada por aqueles que a cercam, de modo a criar capacidade de confiança, repúdio e escolhas. A partir de sua capacidade de controlar o que deseja, a criança consegue compreender as manifestações da mãe, analisando o que é melhor ou não para si.

Deste modo, quando a criança alcança intimidade com os objetos, suas percepções voltam-se à necessidade de brincar com àquilo que possuí, principalmente quando o objeto oferecido parte de alguém conhecido, como os familiares e, posteriormente, professores (GRANÃ, 2013).

A confiança da criança com os adultos ocorre a partir de estímulos, proporcionados em ambientes facilitadores, ou seja, uma mãe atenciosa entende as necessidades da criança, oportunizando objetos que chamam sua atenção, assim como o professor observador consegue oferecer situações que interessem a criança, ampliando a confiança entre ambos (SCHERBAUM, 2017).

A partir dessa interação que reflete na confiança da criança com o adulto, a brincadeira ocorre espontaneamente, baseando-se no conforto da criança com aquele que a cerca. Neste contexto, a brincadeira representa um sentimento de pertencimento e afetividade, facilitando o desenvolvimento infantil a partir da segurança para a criança em expressar seus sentimentos quando brinca, pois sente o amor ao redor (WINNICOTT, 2008).

De acordo com Outeiral (2015), nas teorias de Winnicott, o desenvolvimento da criança relaciona-se ao brincar por meio da questão do self, ou seja, enquanto a criança brinca, a criatividade e espontaneidade é estimulada, proporcionando a utilização da personalidade de forma integral, favorecendo a descoberta íntima do self, traduzido da língua inglesa como "eu".

A criança brinca para relacionar sua verdade interna às situações externas, envolvendo-se com o meio e os indivíduos que o compõem, tratando-se da experiência que estrutura o self, em que imaginação e realidade caracterizam possibilidades de desenvolvimento, conhecimento e aprendizagem. Sendo assim, a imaginação, criatividade e brincadeiras determinam a base do processo psíquico, que classifica as dimensões do self (SCHERBAUM, 2017).

A partir da criatividade estimulada e potencializada, a criança alcança experiências significativas, que representarão a construção de sua identidade, personalidade e preferências, definindo a capacidade criativa e crítica que favorecem a tomada de decisões nas diferentes ações. A princípio, essas escolhas determinam as brincadeiras interessantes à criança, proporcionando o conhecimento aos adultos das necessidades e emoções infantis (MOURA, 2008).

A ilusão refletida por meio da brincadeira representa um valor importante para o adulto compreender o mundo interior da criança, manifestado em ações impostas pelas atividades imaginativas, que permitem a evolução do desenvolvimento. Conforme a criança amadurece, as brincadeiras são mais exploratórias e experimentais, retratando o que a criança deseja, repudia, tem curiosidade e interioriza (ARANTES, 2008).

Winnicott ainda afirma que a criatividade, conforme amadurecida por meio das experimentações, representa um elemento fundamental para a concretização e consolidação do desenvolvimento infantil, considerando as mudanças nas escolhas das brincadeiras, que passam a exigir um espaço adequado para ocorrer, além de mais aproximação com a realidade. Esta situação determina o brincar como uma possibilidade interna, que depende das relações com os fatos para representar um sentido à criança (SCHERBAUM, 2017).

Para Outeital (2015), o brincar deveria ser a principal atividade da criança, já que a brincadeira remete a uma aprendizagem social, sendo o resultado de relações interindividuais. A brincadeira relaciona-se à possibilidade de educação da criança, proporcionando a superação de desafios e rompimento com a rotina.

Quando brinca, além de entrar em um mundo imaginário, a criança pode construir relações reais, elaborar regras de convivência e organização construindo assim a consciência da realidade, ao mesmo tempo em que tem a oportunidade de modificar essa realidade, enriquecendo suas relações, caminhando em direção à conquista da autonomia e cooperação, de forma ativa (ARANTES, 2008).

De acordo com Santos (2012), a possibilidade de desenvolvimento a partir do brincar é permitido à criança quando o ambiente é planejado para estimular, além de ser considerado como um instrumento pedagógico que a criança vai dispor para se desenvolver integralmente.

Para Outeiral (2015) é de fundamental importância que todos os envolvidos com o desenvolvimento infantil passem a ver o ambiente com um olhar diferenciado, como uma articulação de vários aspectos: atividades, espaço, tempo, objetos e parceiros, sabendo que esta articulação resulta em um espaço de estímulos ao desenvolvimento, especialmente oportunizado pela brincadeira.

O ambiente de vivência na infância deve ser estimulador e interessante, deixando então de ser visto apenas como mais um espaço qualquer, sem referência ou oportunidades, limitando a vivência das crianças, impossibilitando uma interação ou troca entre elas (GRANA, 2013).

A brincadeira na infância estabelece um vínculo entre a fantasia imaginativa e a realidade vivenciada, auxiliando no desenvolvimento do cérebro infantil, na formação das linguagens humanas, seja de aspectos cognitivos ou motores, levando ao estímulo da melhora sensorial, identificando uma progressão na personalidade, identidade e autonomia da criança (MOURA, 2008).

Neste contexto, as brincadeiras devem fazer parte da realidade infantil, pois o ato de brincar permite que a criança represente sua realidade por meio da comunicação, com linguagens verbais que auxiliam nas descobertas de novos conhecimentos, de modo que exista a extensão para a realidade adulta (SANTOS, 2012).

Para Moura (2008), o comportamento das crianças durante as brincadeiras é diferenciado das atitudes cotidianas, devido ao brinquedo permitir mudanças comportamentais e estruturais nas crianças, de acordo com a necessidade do momento, levando a criança a criar realidades que dependem apenas da imaginação para acontecer. O desenvolvimento infantil surge a partir das funções que estão acima da realidade, pela apropriação dos símbolos e linguagem, vivenciados em momentos diferenciados do cotidiano da criança.

Winnicott afirma que a brincadeira permite que a criança idealize novos desejos, relacionando esses desejos às possibilidades reais ao elaborar novas regras que podem aproximar a criança de seus direitos e deveres. As maiores conquistas de uma criança dependem das brincadeiras que ela realiza em seu cotidiano, podendo estender a aquisições futuras relativas ao comportamento adequado e a moralidade (SCHERBAUM, 2017).

De acordo com Winnicott:

> A escola representa um lugar no qual a criança pode experimentar seus próprios instintos, agora num ambiente mais protegido do que o próprio lar. A Educação Infantil é um lugar onde elas [as crianças] podem, por algumas horas, diariamente descobrir a extensão de seus próprios impulsos, e assim se tornarem mais capazes de lidar e sentir menos medo deles (WINNICOTT, 1996 apud SANTOS, 2012, p. 81).

Portanto, a escola representa um espaço de experimentação como extensão das experiências sociais e familiares, sendo fundamental a participação do adulto para o estímulo às brincadeiras, especialmente caracterizado pelo professor, quem representará a confiança para manifestação dos sentimentos e emoções infantis. Para Granã (2013), a redefinição do contexto da Educação Infantil, momento em que a brincadeira depende da confiança entre a criança e professor, necessita de uma reconstrução das práticas para que a criança deixe de ser vista como um material a ser moldado e passe a ser concebida como um sujeito social, capaz de construir seu conhecimento, com uma aprendizagem gradual, podendo exercer o direito de ser criança dentro da pluralidade cultural e social.

A atualidade da Educação Infantil exige a interação que acontece entre criança, professor, desenvolvimento e conceitos, representando um espaço de descoberta sobre a vida, de interação e aprendizagem, a partir das experiências compartilhadas. Sendo assim, o eixo do processo é a observação e a mediação, e todo o conhecimento que a criança carrega é valorizado, ressaltando então a ideia de processo educativo, que começa exatamente na infância (MOURA, 2008).

Nas teorias de Winnicott, o momento da chegada à escola representa a saída do lugar de conforto, determinado pelas relações familiares, sendo fundamental o reconhecimento das necessidades específicas da criança por parte do professor também, de modo que a confiança não seja algo técnico, permitindo o conforto da criança na escola e, consequentemente, seu desenvolvimento (SCHERBAUM, 2017). De acordo com Arantes (2008), Winnicott afirma que a partir da chegada da criança à escola, as atitudes precisam ser humanizadas, pois realizações mecânicas, sem comunicação com afeto, refletem na ausência de interação e confiança, limitando as possibilidades da criança em expressar-se, manifestar seus interesses e brincar, devido acreditar que será repreendida quando agir com a espontaneidade comum em suas relações familiares.

Para Santos (2012, p.96): "O florescer da criança dependerá, tal como a criança dependeu da mãe e do ambiente familiar, da sensibilidade dos agentes escolares em comunicar-se com a criança"

Portanto, o desenvolvimento da criança ocorrerá quando a confiança pertencer às atividades cotidianas, seja nas relações familiares, educacionais ou demais âmbitos sociais. Cabe à escola proporcionar segurança e conforto para que a criança compreenda o ambiente educacional como um espaço de interação, que permite as expressões de emoções e sentimentos para o alcance da aprendizagem, aquisição do conhecimento e aprimoramento das habilidades humanas (OUTEIRAL, 2015).

O brincar ocorre em espaços potenciais, incluindo realidades internas e externas, objetivando o desenvolvimento integral das habilidades da criança, facilitando a percepção do "eu", das preferências, necessidades e desejos, impulsionando a formação da personalidade e identidade de cada indivíduo (MOURA, 2008).

Scherbaum (2017) ressalta que a tranquilidade de uma criança nas ações do brincar correspondem à confiança no meio, proporcionando a manifestação da criatividade e imaginação, fundamentais para o desenvolvimento infantil. O espaço para as brincadeiras, seja na escola ou em família, precisa apresentar potenciais estímulos, permitindo a máxima ação da criança a fim da concretização de uma busca espontânea pelo prazer e diversão, assimilados ao desenvolvimento.

Winnicott ainda aborda, em suas teorias, o objeto transicional, referenciando ao primeiro contato da criança com algo externo, diferente do self. Os objetos transicionais representam uma ilusão à criança, diante de algo novo e inesperado, podendo ser relacionado à chegada na Educação Infantil, quando uma situação nova, diferente do que é comum, inicia-se, exigindo a necessidade de adaptação (OUTEIRAL, 2015).

Winnicott afirma que a brincadeira simboliza as emoções, as perturbações e as necessidades da criança, representando um momento de externalização das relevâncias. O ato de brincar relaciona-se ao prazer, mas expressar angústias e medos, cabendo aos adultos a observação daquilo que a criança sente, auxiliandoas, de modo que não fiquem traumas durante o desenvolvimento, diante da confiança em manifestar sentimentos e emoções com os adultos próximos, desde familiares até professores (GRANA, 2013).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A realização deste trabalho permitiu a observação sobre a importância da brincadeira no desenvolvimento da criança, baseando-se nas teorias de Winnicott, considerando a fase da Educação Infantil como fundamental na continuação das relações, permitindo confiança à criança para manifestar seus interesses e necessidades durante as ações do brincar.

A ação de brincar deve ser estimulada nas crianças em diferentes contextos e formatos, propondo a brincadeira em situações coletivas e individuais, de modo que a criança consiga conhecer o outro e a si mesmo. É importante para o adulto identificar, por meio da imaginação e criatividade infantil, as potencialidades da criança, bem como sua capacidade afetiva, criativa e racional, buscando desenvolvimentos na motricidade, linguagem, percepção e representação do meio, sempre aprimorados pela maturação da idade e pela intervenção pedagógica do professor.

Em seus estudos, Winnicott afirma que, a partir do devido estímulo à criatividade infantil, a criança consegue preservar a espontaneidade nas relações com o brincar, externalizando sentimentos e emoções, de modo que seja possível ao adulto a identificação das necessidades infantis. Sendo assim, a criança manifesta suas ações íntimas na brincadeira, além de relacionar imaginação

à realidade, compreendendo as situações ao redor.

O desenvolvimento infantil, para Winnicott, depende da confiança da criança com o meio, sendo fundamental as relações com os adultos, familiares e professores, a fim de que expresse o que sente e deseja nas brincadeiras. Enquanto brinca, a criança experimenta e encontra possibilidade de resolução de conflitos, possibilitando realidade à imaginação.

O senso comum, porém, ainda apresenta resistências quanto às brincadeiras em espaços educacionais, diante de familiares que acreditam na ausência de associação entre o brincar e o desenvolvimento das habilidades. A escola e os professores precisam propor situações que demonstram o equívoco deste pensamento ultrapassado, caracterizando as brincadeiras como momentos de aprendizagem das crianças, favorecendo o enriquecimento da cultura social, histórica e educacional do sujeito.

Os espaços escolares destinados à educação infantil são favorecidos com a possibilidade de incluir brincadeiras na rotina infantil, para estimular e valorizar o processo educacional. As crianças, quando levadas ao desenvolvimento das habilidades de maneira significativa, associam sua realidade as fantasias mais facilmente, imaginando situações que servem como respostas a conflitos internos, expressos em seus atos de brincar.

Portanto, o brincar é fundamental ao desenvolvimento, cabendo ao professor a adoção de práticas didáticas que explorarem a importância das brincadeiras em sala de aula, de modo que a criança sinta-se segura em aprender brincando, assim como familiares percebam como as brincadeiras possibilitam uma evolução nas habilidades, capacidades e potencialidades de seus filhos.

## THE CONTRIBUTIONS OF PLAY TO CHILD EDUCATION


### ABSTRACT

The importance of play to achieve the goals related to child development is highlighted throughout the work, revealing that the stimulation of play at different moments and contexts of life, presented to children by teachers and family members, allows an integral development of human skills, enabling the construction of identity, ensuring a child's tendency to become a critical, autonomous, responsible, confident and committed subject. Despite the evidence that play favors development, providing the child with the acquisition of more solid knowledge, there are still resistances in the adoption of games in educational spaces, sometimes seen by family members as moments of relaxation and distraction for the child, valuing registered activities, without recognition in the activities developed by the act of playing. The approach of this study considered the research carried out by Winnicott, based on the perception that playing should be an instrument of evaluation and intervention, providing an opportunity to follow the child's evolution, as well as the understanding of emotional development, since in play, the child expresses his desires, traumas and elaboration of his conflicts.



**Keywords:** Development; Joke; Winnicott.


### REFERÊNCIAS


ARANTES, M.A. Psicanálise: notas a partir do pensamento de Winnicott. 6ª ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2008.

GOMES, T.P.; CASTRO G.M. Brincar e desenvolvimento infantil: uma análise reflexiva. 2ª ed. São Paulo, 2010.

GRANÃ, R. B. Origens de Winnicott: ascendentes psicanalíticos e filosóficos de um pensamento original. 4ª ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2013.

KAGAN J. Desenvolvimento e personalidade da criança. 3ª. ed. São Paulo: Harbra; 2009.

MALINA, R. M. Crescimento, maturação e atividade física. 3ª ed. São Paulo: Phorte, 2009.

MOURA, J. A. Winnicott - Principais Conceitos. Psicologado, 2008. Disponível em: <https://psicologado.com.br/winnicott--principais-conceitos.pdf>. Acesso em 06/01/2022.

NÚNEZ, I. B. Formação de conceitos e princípios didáticos. 4ª ed. Brasília: Liber Livro, 2009.

OUTEIRAL, J. O. D. W. Winnicott: o homem e a obra. Revista Viver Mente e Cérebro, n. 05, ano 15, 2015. Disponível em: <http://pepsic.org/scielo/100007>. Acesso em 06/01/2022.

QUEIROZ, M. A. Educação infantil e ludicidade. 2ª ed. Teresina: Edufpi, 2009.

RAU, M. C. D. A ludicidade na educação: uma atitude pedagógica. 2ª ed. Curitiba: Ibpex, 2011.

SANTOS, E. S. Winnicott e Heidegger: indicações para um estudo sobre a teoria do amadurecimento pessoal e a acontecência humana. Revista Natureza Humana, n. 09, ano 11, 2012. Disponível em: <http://pepsic.org/scielo/558479>. Acesso em 06/01/2022.

SCHERBAUM, D. G. Brincar na clínica psicanalítica com crianças. Dissertação de Mestrado em Psicologia – UFRS, 2017. Disponível em: <https://www.teses.ufrs.br/teses/12016-151017>. Acesso em 06/01/2022.

WINNICOTT, D. W. A criança e o seu mundo. 10ª ed. Rio de janeiro: LTC, 2008.